

Massapê

Volto sempre que posso, e isso talvez seja pouco, à casa da fazenda. O asfalto ainda não engoliu o barro vermelho que anuncia a chegada. Cada vez que avisto o alvor da casa, meus olhos se embaçam e apenas entrevejo o verdor da serra que a contorna e coroa. Ela nunca muda, feito retrato que a memória conhece bem. Fecho os olhos e a imagem está lá. Paro o carro bem no lugar onde meu pai queria sempre a fogueira de São João. Ali se queimavam toras robustas e histórias sem fim. E, nas manhãs seguintes, apagado o fogo, tomavam-se juras de apadrinhamento e se assavam sob as brasas e as cinzas quentes as batatas mais doces e graúdas.

Não tenho pressa, piso em cada batente evocando gentes e prosas sem tempo de acabar. Na calçada, de onde se avistam pequeno o povoado e enorme a serra, cruzo com Luis Lourenço, que calou suas histórias há muito na grande São Paulo. Damiana, de braços cruzados, me espia de cima a baixo e meneia a cabeça em sinal de desaprovação, continuo magricela.

(...)

Escuto o som do rádio de meu pai, Hora do Brasil, BBC, devagarzinho subo caçula no seu colo para receber sobre meus joelhos magros carícias amornadas pelo fogareiro. Minha mãe diz que meu café com leite vai esfriar. Tomo-o em sorvos grandes (...). Vou deitar e espero que ela traga o cobertor com cheiro de fumaça, esquentado no fogão de lenha. Escuto a conversa dos dois na sala e adormeço sonhando vacas paridas, guisados de barro, bonecas de milho que prometem brincadeiras e penso acordar com o apito do engenho que chama o dia, mais um, daqueles que muitos anos depois eu não iria esquecer.

Inês Cardoso (trecho), em LEITE, Maria Thereza et al. **Quantas de nós**. Fortaleza: Expressão Gráfica Editora, 2010. (Prêmio Moreira Campos).